

Chegamos a mais um número de nossa revista e temos a grata surpresa de podermos ver que, a despeito das primeiras dúvidas, os artigos têm se apresentado, caracterizando o fato de "realmente existir" uma população técnica interessada, trabalhando na área de Psiquiatria Infantil.

Da mesma maneira, a despeito dos primeiros comentários pessimistas, existe um público que tem prestigiado a publicação, procurando-a e estimulando-a.

Isso nos mostra mais uma vez a necessidade de sairmos de nosso comodismo e de nossa pretensa intelectualidade para buscarmos a possibilidade de intercâmbio entre os diversos grupos que existem no país.

Entretanto, mais uma vez, a nossa dúvida centra-se na questão da produção da Ciência.

Claro está que nossa aspiração é de podermos estabelecer projetos de pesquisa dignos do reconhecimento de pesquisadores de todo o mundo. Entretanto, poucos são os centros e pesquisadores que dispõem de recursos, físicos e humanos, para tais empreendimentos. Dessa maneira parece-nos claro que precisamos pensar nossas reais possibilidades.

É óbvio que é mais importante para o técnico, enquanto pessoa (e por isso mesmo, mais acessível ao vírus do orgulho e do egocentrismo, como diz Keneth Minogue em seu livro sobre a Universidade) dispor de um conhecimento mais elitizado e reconhecido por seus pares em todo o planeta. Entretanto, em um país de terceiro mundo como o nosso, cabe uma outra questão.

Considerando-se terceiro mundo em seu contexto original e não discriminatório de "país em desenvolvimento", não seria razoável pensarmos no compromisso social dos técnicos e das Universidades, transcendendo-se assim a elitização do conhecimento com conotações, muitas vezes, meramente de prazer pessoal?

Dessa maneira, não cabe aos grupos com conhecimento científico a busca de formas de multiplicação e divulgação desses conhecimentos, bem como a procura da viabilidade dos projetos já desenvolvidos em outros centros a partir da sua adaptação e aplicabilidade, considerando-se a relação custo-benefício?

Essas questões todas permeiam a idéia original desta publicação.

É indispensável a busca de conhecimentos mais sofisticados em centros mais ricos para que possamos caminhar ao lado do conhecimento mundial que se multiplica rapidamente. Entretanto, também é fundamental que possamos assumir nossa simplicidade e pobreza para que possamos nos adaptar a nós mesmos.

Como pensa Heidegger ser-no-mundo é co-existir com as pessoas, com características de envolvimento, considerando-se o Ser dos entes, o estabelecimento de um projeto e o conhecimento das próprias limitações.

Dentro desse escopo é que entregamos mais este número, na expectativa de que seja a semente de algumas possibilidades.

*Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr*